

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000



Quarteto Alban Berg
Cordas



EDM9

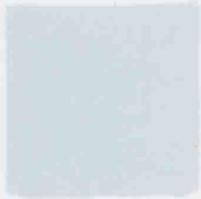
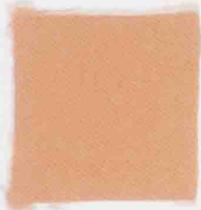


O 15 de São Paulo patrocina a temporada de concertos musicais do Cultura Artística.

Telefônica

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000



QUARTETO ALBAN BERG

GÜNTER PICHLER *Violino*

GERHARD SCHULZ *Violino*

THOMAS KAKUSKA *Viola*

VALENTIN ERBEN *Violoncelo*

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA

apoio
institucional

Prefeitura do
Município
de São Paulo
lei 010923/90

promoção



patrocínio

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

Telefônica



VOLKSWAGEN

VOTORANTIM



Quarteto Alban Berg

Günter Pichler *Violino*

Gerhard Schulz *Violino*

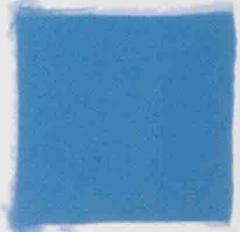
Thomas Kakuska *Viola*

Valentin Erben *Violoncelo*

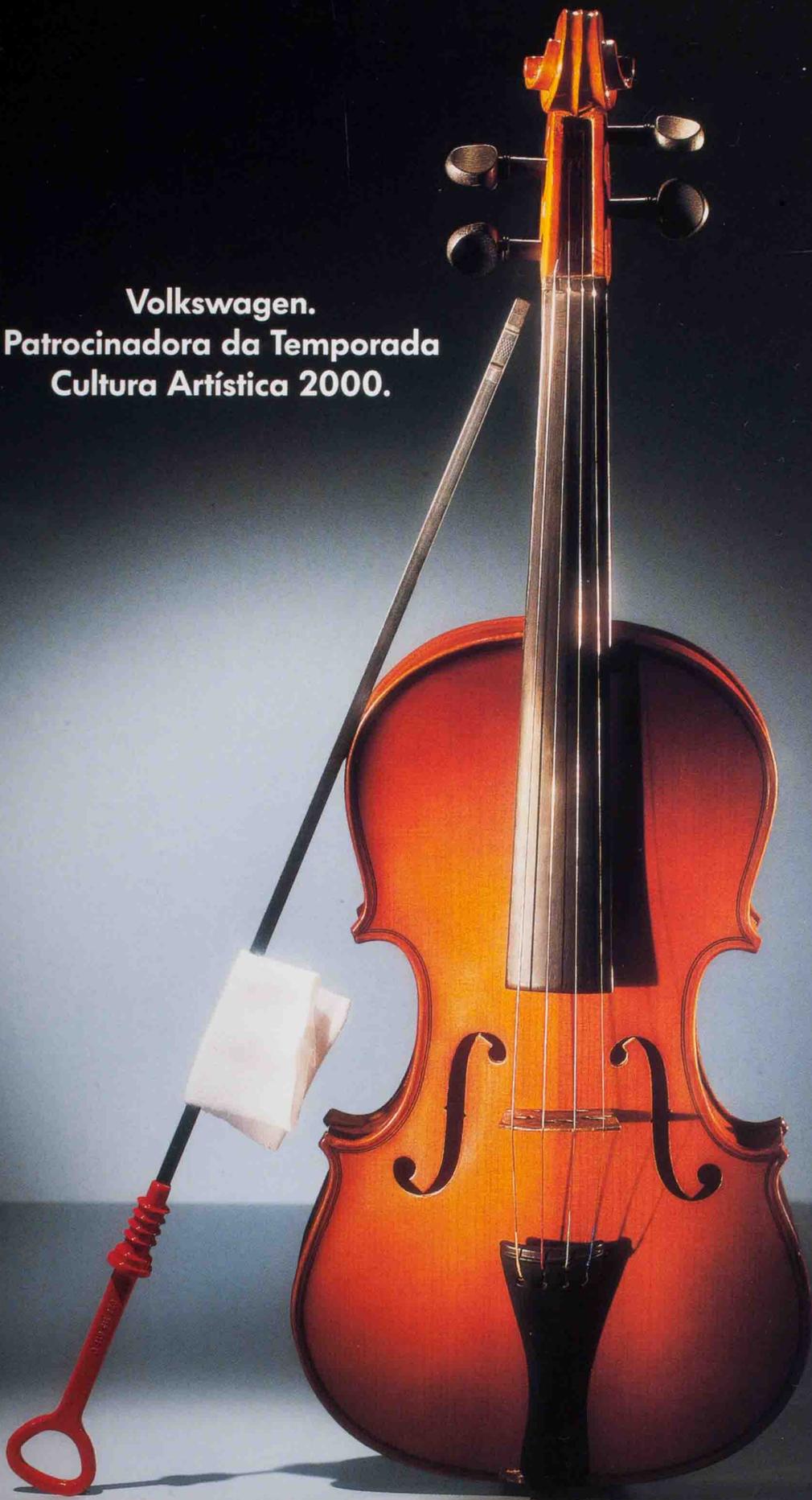
Ao longo de mais de vinte e cinco anos, o Quarteto Alban Berg vem-se apresentando regularmente nas maiores cidades e melhores festivais de música do mundo inteiro. Além disso, o conjunto é titular de séries próprias de concertos na *Konzerthaus* de Viena – sala onde o Quarteto estreou em 1971 e de que seus integrantes são hoje Membros Honorários –, no *Royal Festival Hall* de Londres – de que são Artistas Associados –, na Ópera de Zurique, no *Théâtre des Champs Elysées* em Paris, na *Philharmonie* de Colônia e na *Alte Oper* de Frankfurt.

Desde sua estréia, o Quarteto Alban Berg vem atuando intensamente também nos estúdios de gravação. A discografia do grupo já foi agraciada com cerca de trinta importantes prêmios internacionais, como o *Grand Prix du Disque*, o *Deutsche Schallplattenpreis*, o *Edison Prize*, o primeiro *International Classical Music Award*, o Grande Prêmio Japonês do Disco e o *Gramophone Magazine Award*. Diversos de seus álbuns são considerados pelo público e pela crítica como registros definitivos das obras neles abordadas.

Dentre as muitas contribuições do Quarteto Alban Berg para o mundo do disco destacam-se o registro dos ciclos integrais de Quartetos para Cordas de Beethoven, Brahms, Berg, Webern e Bartók, a gravação dos ciclos completos dos últimos quartetos de Mozart e de Schubert, inúmeros outros álbuns – dedicados a compositores como Haydn, Dvorák, Schumann, Ravel, Debussy, Stravinsky, von Einem e Haubenstock-Ramati –, bem como gravações ao vivo no *Carnegie Hall* de Nova Iorque, na *Opéra Comique* de Paris, no *Queen Elizabeth Hall* de Londres e, sobretudo, na *Konzerthaus* de Viena. Tempos depois de sua primeira gravação, feita em estúdio, do ciclo completo de Quartetos para Cordas de Beethoven, o conjunto voltou a gravá-lo, dessa vez ao vivo, na *Konzerthaus*, por ocasião do Festival de Viena de 1989, registro lançado em CD e em vídeo. Também ao vivo, o Quarteto Alban Berg já gravou



**Volkswagen.
Patrocinadora da Temporada
Cultura Artística 2000.**



Volkswagen



obras de Janáček, Lutoslawski, Berio, Schnittke, Urbanner e Rihm – diversas delas dedicadas ao grupo –, bem como o Quinteto para Piano de Dvorák – com o pianista Rudolf Buchbinder –, o Quinteto para Clarineta e o Quinteto para Cordas *opus* 111, de Brahms, e, mais recentemente, o Quarteto para Piano em Mi bemol maior e o Quinteto para Piano KV.414, de Mozart – com o pianista Alfred Brendel. Dentre os últimos lançamentos do grupo destacam-se álbuns dedicados aos Quartetos *opus* 76 e *opus* 77 de Haydn e aos Quartetos *opus* 51 e *opus* 106 de Dvorák.

As críticas sobre o Quarteto Alban Berg confirmam a reputação do grupo: “Certamente um dos maiores conjuntos da música de câmara” (*France Soir*, Paris); “Perfeição atordoante” (*Washington Post*); “Um dos grandes conjuntos de nosso tempo” (*San Francisco Chronicle*); “Um prodígio que atende pelo nome de Quarteto Alban Berg” (*Presse*, Viena); “Poucos quartetos, se é que os há, podem competir com sua força e sua segurança nos compositores vienenses clássicos e românticos” (*Times*, Londres); “O Quarteto Alban Berg alcançou patamar lendário na interpretação da música de câmara” (*Frankfurter Allgemeine Zeitung*); “O Quarteto Alban Berg é arrasador em Beethoven” (J. Kaiser, *Suddeutsche Zeitung*).

Mais do que os elogios superlativos da crítica, ou do que o entusiasmo do público, o que verdadeiramente importa para o Quarteto Alban Berg é sua auto-determinação de oferecer a mais harmoniosa leitura das obras que aborda e de ampliar seu repertório, que se estende do Classicismo à contemporaneidade: o nome “Alban Berg” simboliza precisamente esse compromisso.

Os integrantes do Quarteto Alban Berg dedicam-se ainda à formação de jovens musicistas: professores da Universidade de Música e Artes Interpretativas de Viena, e também, desde 1993, da Escola de Música de Colônia, em sucessão ao Quarteto Amadeus, atribuem a suas atividades pedagógicas a mesma importância que conferem a seu trabalho como músicos e concertistas.

**Não perca
a próxima
atração!**

CONCERTO

GUIA MENSAL DE MÚSICA ERUDITA

(para assinar ligue (011) 535-5518)



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

Série Branca

6 de julho, quinta-feira, 21h

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809 – 1847)

Quarteto para Cordas em Lá menor, opus 13

Adagio – Allegro vivace

Adagio non lento

Intermezzo

Finale. Presto

Zbigniew Bargielski (1937)

Quarteto de Cordas nº 4 – “Le Temps Ardent”

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Quarteto nº 13, em Si bemol maior,
opus 130 – Grosse Fugue, opus 133**

Adagio ma non troppo – Allegro

Presto

Andante con moto, ma non troppo

Alla danza tedesca (Allegro assai)

Cavatina (Adagio molto espressivo)

Grosse Fugue

Série Azul

7 de julho, sexta-feira, 21h

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

**Quarteto para Cordas em Ré maior,
K. 499 – “Hoffmeister”**

Allegretto

Menuetto (Allegretto)

Adagio

Allegro

Béla Bartók (1881 – 1945)

Quarteto de Cordas nº 3, Sz. 85

Prima parte: Moderato – attacca:

Seconda parte: Allegro – attacca:

Recapitulazione della prima parte: Moderato – attacca:

Coda: Allegro molto

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

**Quarteto nº 13, em Si bemol maior,
opus 130 – Grosse Fugue, opus 133**

Adagio ma non troppo – Allegro

Presto

Andante con moto, ma non troppo

Alla danza tedesca (Allegro assai)

Cavatina (Adagio molto espressivo)

Grosse Fugue

Série Verde

10 de julho, segunda-feira, 21h

Felix Mendelssohn-Bartholdy (1809 – 1847)

Quarteto para Cordas em Lá menor, opus 13

Adagio – Allegro vivace

Adagio non lento

Intermezzo

Finale. Presto

Béla Bartók (1881 – 1945)

Quarteto de Cordas nº 3, Sz. 85

Prima parte: Moderato – attacca:

Seconda parte: Allegro – attacca:

Recapitulazione della prima parte: Moderato – attacca:

Coda: Allegro molto

intervalo

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Quarteto nº 13, em Si bemol maior, opus 130 – Grosse Fugue, opus 133

Adagio ma non troppo – Allegro

Presto

Andante con moto, ma non troppo

Alla danza tedesca (Allegro assai)

Cavatina (Adagio molto espressivo)

Grosse Fugue

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada

2000

Próximos Concertos

Europa Galante

Fabio Biondi *Regente e Violino Solista*

14 de agosto, segunda-feira

Scarlatti: Concerto Grosso nº 2, em Dó menor

Corelli: Concerto Grosso, em Ré maior, opus 5 nº 4

Sammartini: Sinfonia em Sol maior, JC.15

Vivaldi: As Quatro Estações

15 de agosto, terça-feira

Vivaldi: Concerto em Ré para dois Violinos e Violoncelo, opus 3 nº 11, Concerto em Lá menor para dois Violinos, opus 3 nº 8,

e Concerto para dois Violinos e Violoncelo, opus 3 nº 2

Bach: Concerto para Violino e Oboé, em Dó menor

Corelli: Concerto Grosso, opus 5 nº 8

16 de agosto, quarta-feira

Scarlatti: Concerto Grosso nº 2, em Dó menor

Corelli: Concerto Grosso, em Ré maior, opus 5 nº 4

Sammartini: Sinfonia em Sol maior, JC.15

Vivaldi: As Quatro Estações



O Quarteto de Cordas

Elemento-chave na formação do quarteto tradicional, o violino é um instrumento de arco dotado de quatro cordas, cujos contornos lembram os do corpo feminino. Possuidor de vários antepassados, o violino, tal como o conhecemos hoje, surgiu em meados do século XVI. Sua fatura foi levada ao supremo da perfeição por três famílias italianas de *luthiers* de Cremona – Amati, Guarneri e Stradivari. Durante cerca de dois séculos – entre 1550 e 1740 –, esses artesãos foram responsáveis pelo fabrico dos mais perfeitos violinos conhecidos. Com eles, o instrumento ganhou uma expressividade sonora comparável apenas à da voz humana.

O violino foi o modelo que engendrou toda uma “família” de instrumentos, todos com sonoridades mais graves que as dele – viola, violoncelo e contrabaixo. Com o desenvolvimento da música puramente instrumental, durante o período barroco iniciado no século XVII, essa família serviu como base para a formação tanto de grupos de câmara quanto de orquestras.

A reunião em quarteto desses instrumentos solistas – dois violinos, viola e violoncelo – foi considerada, a partir do século XVIII, como a mais refinada aliança instrumental destinada à escrita de obras a quatro vozes. Derivado de vários gêneros, como o do divertimento, o quarteto de cordas foi inicialmente explorado por Boccherini, Stamitz e Gossec. Atingiu a sua maturidade formal com Haydn e Mozart e tomou novas direções, inesperadas, com Beethoven e Schubert, que levaram os ideais do Classicismo às últimas conseqüências.

Durante o século XIX, era do Romantismo e do Pós-romantismo, o quarteto de cordas perdeu algumas de suas características clássicas, a fim de abrigar a desbordante imaginação dos artistas da época. Cultivaram-no, então, Mendelssohn, Schumann, Brahms, Smetana, Dvorák, Saint-Saëns e Tchaikovsky, dentre outros. E, na virada do século, Debussy e Ravel encarregaram-se de introduzi-lo à

Modernidade. Durante este século que ora finda, muitos compositores se dedicaram ao gênero e, alguns deles, deixaram-nos importantes ciclos, como os assinados por Schoenberg, Bartók, Milhaud, Shostakovich e Villa-Lobos. Durante a musicalmente radical segunda metade do século XX, o quarteto de cordas serviu como suporte de novas aventuras sonoras propostas por Boulez, Berio, Stockhausen, Ligeti, Carter, Ferneyhough, Lutoslawski, Scelsi e Penderecki, por exemplo.

F. Mendelssohn-Bartholdy (1809 – 1847) **Quarteto para Cordas em Lá menor, opus 13**

Mendelssohn foi um menino-prodígio privilegiado. Algumas das figuras mais importantes da época, como o velho poeta Goethe, deram ao seu gênio precoce o devido valor. E, em casa, o pai compreensivo – um rico banqueiro berlinense – colocou a seu serviço excelentes professores e também pôs à sua disposição uma orquestra com a qual, semanalmente, o garoto podia experimentar suas novas partituras. Além disso, proporcionou-lhe múltiplas viagens que alargaram os seus horizontes culturais.

Dotado igualmente para a literatura e as artes plásticas, Mendelssohn fez da carreira musical um projeto de vida. Muito generoso, auxiliou colegas como Schumann e, por seu amor ao passado, retirou do esquecimento a obra de Johann Sebastian Bach. Como ouvinte e estudioso, adorava Mozart e acompanhou com curiosidade o desenrolar da produção de Beethoven. Enquanto artista, era preocupado com a ordem da escritura e a clareza da expressão. Por isso, são muitos os que vêem nele “o mais clássico dos românticos”.

Mendelssohn escreveu o seu Quarteto em Lá menor, *opus* 13, aos 18 anos, em 1827. Já compusera dois outros no gênero e, na nova obra, voltava a afirmar sua inabalável “fé nas sólidas virtudes da tradição clássica germânica”, na expressão de John Horton. Essa partitura juvenil é marcada

pelo uso rebelde da dissonância, pela liberdade harmônica, por uma alta carga de escrita polifônica e pelo desejo de fazer com que a obra como um todo apresentasse uma fisionomia unitária, graças ao emprego de um tema-moto. Esse motivo de três notas ouvido nos primeiros compassos provém de uma canção criada pouco antes pelo compositor, que começava por uma indagação: *Ist es wabr?* (É verdade? É verdade que você sempre espera por mim na alameda verdejante?).

No primeiro movimento, o *Allegro vivace* em forma-sonata tradicional vem precedido de uma introdução lenta (*Adagio*). Em seguida tem-se o *Adagio non lento* em Fá maior desenrolando uma nobre cantilena e que guarda, em seu centro, uma invenção contrapontística de grande liberdade tonal. O terceiro movimento, um arejado *Intermezzo* na tonalidade principal da obra, possui um certo sabor de música popular germânica. O *Finale*, marcado *Presto*, é uma audaciosa página em forma-sonata, tratada de maneira bastante livre e engenhosa.

Zbigniew Bargielski (1937)

Quarteto de Cordas nº 4 – “Le Temps Ardent”

Compositor polonês que completou 63 anos em janeiro último, Bargielski estudou em Lublin e nos Conservatórios de Varsóvia e Katowice. Realizou cursos em Paris, com Nadia Boulanger, e em Graz, na Escola Superior de Música dessa cidade. Em 1965, recebeu o Primeiro Prêmio do Concurso “Jovens Compositores Poloneses”.

Do seu catálogo de obras se destacam óperas como *O Pequeno Príncipe* (sobre texto de Saint-Exupéry) e *O Martírio e a Morte de Marat* (baseada na peça teatral de Peter Weiss), além de páginas sinfônicas – Concerto para Percussão, Concerto para Violino –, música para cinema, como *O Gueto de Varsóvia*, e peças camerísticas (Um Quarto, baseada em Kafka). Residindo atualmente em Viena, foi ali que, em 1994, Bargielski recebeu

SKILL EMPRESARIAL SAÚDE.

GUINARRES

A OMINT TRATANDO SEU FUNCIONÁRIO COMO VOCÊ GOSTA DE SER TRATADO.

Funções diferentes, responsabilidades diferentes, salários diferentes. Às vezes, a única coisa que dois funcionários têm em comum é a empresa em que trabalham. Mas se essa empresa trata todos os seus funcionários, do presidente ao estagiário, com respeito e consideração, isso tem o poder de unir pessoas totalmente diferentes em um time único, com um espírito de equipe difícil de ser superado. Quando criou a Skill Empresarial Saúde, a Omint se preocupou em garantir o acesso a tratamentos médicos e hospitalares de alto nível a todos os profissionais de sua empresa, sem distinção. Um comportamento natural não apenas da ética médica, mas de qualquer atividade na qual o relacionamento humano seja levado em consideração.



- Atendimento e administração Omint.
- Serviços de Case Management e Home Care.
- Programas de prevenção à saúde dos funcionários.
- Rede referenciada com médicos, hospitais e laboratórios de qualidade, desenhada para atender às necessidades de seus funcionários.
- Central de Atendimento ao Associado, orientando a utilização dos recursos, encaminhando emergências e identificando casos especiais.
- Reembolso direto em conta corrente, sem a necessidade de envolvimento do R.H.

SKILL
empresarial saúde

Informações:
0800-174433
www.omint.com.br



uma bolsa do governo austríaco para escrever uma obra especialmente para o *Alban Berg Quartett*. Assim nasceu o seu Quarteto de Cordas nº 4 – *Le Temps Ardent* (O Tempo Ardente).

Le Temps Ardent é aberto por sucessivas entradas dos instrumentos, em estático *pianissimo*. Gradativamente a textura sonora se torna mais densa, harmônica e ritmicamente mais variada. Seguem-se episódios nos quais são utilizados ora o *pizzicato* (“beliscado”), ora a agressiva técnica do arco. Depois que uma cantilena do violoncelo é assimilada pela viola e pelos violinos, chega-se ao ponto culminante do quarteto, onde os espectros harmônicos são levados às altas regiões da tessitura. Do desbordamento expressivo, o discurso segue, então, em direção ao silêncio, “extinguindo-se no nada”, como disse um de seus comentaristas.

Ludwig van Beethoven (1770 – 1827)

Quarteto nº 13, em Si bemol maior, opus 130 – Grosse Fugue, opus 133

Os quartetos de cordas de Beethoven ocupam lugar de destaque não apenas na obra do compositor como também na produção musical do Ocidente. Inaugurando um inédito capítulo no gênero, pela radicalidade e originalidade da linguagem, são donos de uma audácia só comparável a algumas partituras surgidas quase cem anos depois deles, no século XX.

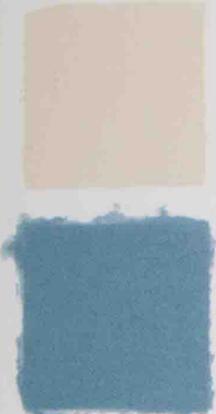
Os dezesseis quartetos do Mestre de Bonn repartem-se em três grupos, correspondendo com exatidão àquilo que se convencionou chamar de “os três estilos (ou maneiras) de Beethoven”. O primeiro grupo, datado de 1798/1800, compreende os seis Quartetos *opus* 18; o segundo, dos anos 1805/1810, abriga as cinco obras constantes nos *opus* 59, 74 e 95; o derradeiro grupo, concentrado entre 1822 e 1826, contém as suas cinco derradeiras partituras no gênero – *opus* 127, 132, 130, 131 e 135.

Os quartetos finais de Beethoven são marcados pela experimentação, que vai do número dos andamentos às suas soluções formais, passando pela pesquisa harmônica e rítmica. Disse o musicólogo Nicholas Marston: “A enorme quantidade de esboços de partituras dos últimos quartetos que subsistem atesta eloqüentemente a intensa consideração de Beethoven pelos problemas de composição das partes”, no jogo polifônico estabelecido entre os quatro instrumentos.

O Quarteto nº 13, em Si bemol maior, *opus* 130, foi escrito entre 1825 e 1826. Em março desse ano, ele foi apresentado em público, com a “Grande Fuga” como movimento final. A reação negativa diante dessa solução incomum levou o compositor a escrever, alguns meses depois, um novo *finale* para a partitura, permitindo que a *Grosse Fugue* fosse publicada em separado.

Em mais um gesto libertário, o músico aumentou o número de andamentos do Quarteto em Si bemol para seis, em vez dos quatro tradicionais. No primeiro deles (*Adagio ma non troppo – Allegro*), a forma-sonata é tratada de maneira bastante livre. No segundo movimento, um *Presto* em Si bemol menor, ele estabelece um *scherzo* de atmosfera cambiante e, por vezes, humorada. No *Andante con moto, ma non troppo* que vem em seguida, o compositor se entrega a uma especial liberdade da forma, em uma espécie de homenagem ao espírito de Mozart. Já no quarto andamento, *Alla danza tedesca (Allegro assai)*, em Sol maior e compasso 3/8, faz referências à música popular da época. Tem-se, então, a envolvente *Cavatina* em Mi bemol maior, um *Adagio molto espressivo* que comovia às lágrimas o próprio autor. No *Allegro* final, inicialmente sereno e depois exuberante, desenrola-se um rondó-sonata não destituído de humor.

Como foi referido, o primeiro final para esse quarteto foi a *Grosse Fugue, opus* 133. A respeito dela disse o próprio Beethoven: “Não se trata da



arte de fazer uma fuga; fiz dúzias delas, nos meus tempos de estudante. Mas a imaginação reclama os seus direitos; e hoje, é preciso que um outro espírito, verdadeiramente poético, adentre a forma antiga". Chamando-a de "música totalmente contemporânea e que o será eternamente", Igor Stravinsky foi levado a falar da sua significação com estas palavras: "nova e diferente a cada vez, essa música desafia toda familiaridade".

Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791)

Quarteto para Cordas em Ré maior, K. 499 – "Hoffmeister"

Como em outros compositores do Classicismo, é nos quartetos para cordas de Mozart que encontramos alguns dos mais altos cumes criativos da sua produção camerística. Eles se espalham por 20 anos de sua curta vida, perfazendo nítidos grupos e separados por grandes períodos de tempo. O compositor deixou-nos 26 obras no gênero.

Mozart escreveu o seu primeiro quarteto aos 14 anos, durante sua primeira viagem à Itália, em 1770. Três anos depois, de volta à Península, ele comporia mais seis exemplares, os chamados "Milaneses", que respiram a mesma atmosfera italianizante e operística. Alguns meses mais tarde, no segundo semestre de 1773, o músico assinava outros seis quartetos, os "Vienenses". Estes já mostram os primeiros efeitos da descoberta da produção de Haydn, na qual existe uma síntese perfeita do estilo concertante moderno e da ciência polifônica barroca. O autor tinha, então, 17 anos.

Quase uma década mais tarde, casado e instalado definitivamente em Viena, Mozart retorna ao quarteto de cordas. Nasce, na época, os seis quartetos "dedicados a Haydn" que, segundo o autor, foram "o fruto de um longo e penoso trabalho". Neles, as lições do amigo mais velho são aliadas à descoberta de Bach, feita em 1782. Solitário, o "Hoffmeister" (1786) precede os três últimos quartetos de Mozart, os "Prussianos", de 1789/

1790. Em todas essas partituras da maturidade, o artista pensa profundamente não em termos de melodia acompanhada, mas de um fluir sonoro concebido em quatro partes (ou "vozes") simultâneas e de igual peso construtivo.

O Quarteto em Ré maior, K. 499, que leva o apelido de "Hoffmeister" por causa de seu primeiro editor, foi escrito em agosto de 1786. Contendo música elusiva e de expressão ambígua, nem sempre cativa a uma primeira audição. O movimento inicial, *Allegretto*, é dominado pelo tema mostrado de início em uníssono, que é invertido e fragmentado, passando por múltiplas transformações. O breve *Menuetto (Allegretto)* possui a aparência de uma animada dança camponesa. Já o *Adagio*, de expressão reticente, alia expansividade e recolhimento. O andamento final, *Allegro*, revisita a forma-sonata a partir de um número alentado de temas, coroando a obra com gestos ora ternos, ora viris.

Béla Bartók (1881 – 1945)

Quarteto de Cordas nº 3, Sz. 85

Bartók escreveu seus seis quartetos de cordas entre 1907 e 1939. São documentos que contêm não apenas audaciosas experimentações formais, como também uma tocante mensagem humanitária, fruto dos tempos turbulentos que os viram nascer. Na atualidade, já é possível perceber que essas obras de Bartók, junto às produzidas pela tríade vienense (Schoenberg, Berg e Webern), dominam o panorama do gênero na primeira metade do século XX, época da Modernidade.

Adélaide de Place aproxima o ciclo bartokniano ao de Beethoven, pela radicalidade de suas proposições. Para essa musicóloga, é possível acompanhar, através dos quartetos, as principais etapas do desenvolvimento da linguagem do compositor húngaro. Assim, no Primeiro ter-se-ia o instante da destilação das preocupações pós-românticas; no Segundo, a fase expressionista do autor; nos Terceiro e Quarto, sua época de vertiginosas expe-

riências sonoras; nos Quinto e Sexto, deparar-se-ia com a busca de um novo Classicismo.

O Quarteto de Cordas nº 3 foi escrito em setembro de 1927, em Budapeste. Com ele, o compositor ganharia um prêmio nos Estados Unidos, dividido com Alfredo Casella, o que lhe rendeu 3.000 dólares. Parte da crítica europeia recebeu bem a partitura, considerando-a dona de “uma forma nova, estrita e irresistível”, como também “uma redentora manifestação de música perfeita”.

Para o especialista Anthony Burton, o Terceiro Quarteto é “o de mais amplo alcance dos seis, em sua exploração de extremos da dissonância e da sonoridade áspera das cordas: é, também, com seus cerca de quinze minutos, notavelmente o mais curto e mais conciso”. Inspirando-se na música popular húngara, Bartók concebeu-o em duas partes apresentadas sem interrupção, cada uma delas, por sua vez, contendo dois episódios (esquema A – B – A' – B', ou lento – animado – lento – animado). No *Moderato* inicial tem-se um cerrado trabalho realizado em torno de dois temas – um cromático e introvertido, outro mais aberto e diatônico. O *Allegro* que vem em seguida articula uma série de variações sobre dois temas a uma fuga. Tem-se, em seguida, no novo *Moderato*, uma recapitulação da primeira parte do Quarteto. Aquilo, a que o compositor chamou de *Coda*, em andamento furioso, poderia por sua vez se chamar “recapitulação da segunda parte”.

Créditos

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez
Textos Sociedade de Cultura Artística
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto Almeida
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretoria da Sociedade de Cultura Artística

José E. Mindlin	Presidente
Fernando Carramaschi	Vice-Presidente
Antonio Hermann D. M. de Azevedo	Diretor Tesoureiro
José Luís de Freitas Valle	Diretor Secretário
J. Jota de Moraes	Diretor Artístico
Carlos Rauscher	Diretor
Gérard Loeb	Diretor
Jayme Sverner	Diretor
João Lara Mesquita	Diretor
José Francisco Freire Britto	Diretor

Conselho de Administração

José E. Mindlin	Presidente
João Lara Mesquita	Vice-Presidente

Membros

Maria de Lourdes Egydio Villela
Sylvia Kowarick
Alberto Soares de Almeida
César Tácito Lopes Costa
Cláudio Sonder
Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita
Hermann H. Wever
José Ermírio de Moraes Filho
Max Feffer
Thomas Michael Lanz

Reconhecida de Utilidade Pública por Decretos Federal, Estadual e Municipal.



Durante o espetáculo, favor não fumar, não fotografar e

NÃO COMENTAR

sobre o mercado de ações com a pessoa ao lado.



Companhia Brasileira de
Liquidação e Custódia

BOVESPA
Bolsa de Valores de São Paulo

É com grande orgulho que, mais uma vez, patrocinamos a Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

temporada 2000

abril 4, 5 e 6

Orquestra da Rádio de Moscou
Coro de Câmara de Moscou
Saulius Sondeckis *Regente*

maio 22, 23 e 24

The English Concert
Trevor Pinnock *Regente*

junho 12, 13 e 15

Stanislav Bunin *Piano*

julho 6, 7 e 10

Quarteto Alban Berg *Cordas*

agosto 14, 15 e 16

Europa Galante
Fabio Biondi *Regente e Violino Solista*

agosto 22, 24 e 28

Matthias Goerne *Barítono*
Eric Schneider *Piano*

setembro 19 e 20

Orquestra Sinfônica de Praga
Jirí Belohlávek *Regente*
Dezsö Ranki *Piano*

outubro 6 e 7

Orquestra Sinfônica de Chicago
Daniel Barenboim *Regente*

outubro 23, 24 e 25

Gächinger Kantorei
Bach-Collegium Stuttgart
Helmuth Rilling *Regente*

novembro 13, 14 e 15

Orquestra Filarmônica Estatal da Renânia
Theodor Guschlbauer *Regente*
Antônio Meneses *Violoncelo*

Sociedade de Cultura Artística

Rua Nestor Pestana, 196 telefone (5511) 258 3616

www.culturaartistica.com.br

e mail: cultart@dialdata.com.br

apoio
institucional

Prefeitura
do Município
de São Paulo
Lei 010923/90

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



MINISTÉRIO
DA CULTURA